

# Entendedor do futebol

O jornalista Paulo Vinícius Coelho, o PVC, fala sobre futebol com conhecimento de causa



Foto: Divulgação

Por Karen Rodrigues

Admirado por sua memória futebolística e seu entendimento tático do esporte mais popular do mundo, Paulo Vinícius Coelho, o PVC, é um dos jornalistas de maior credibilidade no meio esportivo. Formado no início dos anos 90, começou a carreira em pequenos jornais de São Bernardo do Campo quando conseguiu uma chance como repórter do Diário do Grande ABC. No ano seguinte estagiou na revista Ação e logo chegou à revista Placar, sua leitura preferida na época da adolescência. Em 97 começou a trabalhar no Lancel e três anos depois entrou na ESPN, onde passou a ser presença em quase todos os programas e em várias transmissões de jogos. Autor dos livros *Jornalismo Esportivo, Os 50 Maiores Jogos das Copas do Mundo, Futebol Passo a Passo: Técnica, Tática e Estratégia*, no último dia 04/05 lançou mais um, *Os 55 maiores jogos das Copas do Mundo*. Em um bate-papo exclusivo à *Folha Universitária*, PVC conta sobre sua carreira, a área de jornalismo esportivo e um assunto que não podia faltar: a Copa do Mundo na África do Sul.

**Folha Universitária – Muitos o consideram um dos maiores entendedores de tática futebolística. Alguns dizem que você teria capacidade de ser técnico de futebol. O que você acha dessas afirmações?**

**PVC** – Eu fico lisonjeado cada vez que alguém fala isso, mas eu sei qual é o meu lugar. Eu sou jornalista e pretendo trabalhar minha vida inteira para ser o melhor jornalista possível, naquilo que eu mais gosto que é o futebol. Então é importante que isso seja entendido como reflexo, um elogio pelo trabalho que as pessoas consideram bem feito. E atinjo meu objetivo. Meu objetivo é ser jornalista e não é nunca ser nada além disso, nunca ser técnico de futebol. Não é a minha praia.

**F.U. – Quais técnicos você considera como grandes entendedores de tática no futebol?**

**PVC** – A tática é uma parte da história. Na verdade você vai definir estratégias de como você vai pro jogo de acordo com as qualidades e características do seu adversário. Então, hoje em dia ninguém pode ser técnico de futebol sem estudar, sem ver, sem saber como joga o adversário. É impossível. Agora, dentro disso, hoje tem alguns técnicos muito bons. O Mano Menezes é um belíssimo técnico. O Adílson Batista, no ponto de vista estratégia, talvez seja o melhor deles. O Vanderlei Luxemburgo é um. Ele não está no momento mais importante da sua carreira, mas é um técnico que tem um histórico incontestável.

**F.U. – Você começou no meio impresso e partiu para a TV, apesar de ainda ser colunista em veículos impressos. Qual deles mais lhe agrada?**

**PVC** – Eu acho que para a formação do jornalista é importante começar escrevendo. As pessoas têm hoje a idéia equivocada de que jornalista é quem aparece na TV. Não é. Jornalista é secar, ressecar, cuidar da informação, apurar, conversar com gente, ter certeza do que você está falando e do que você vai escrever. E quem começa em televisão muitas vezes tem a preocupação de saber se tem a imagem pra cobrir o que está escrevendo. Mais importante do que isso é ter a informação. Então, desse ponto de vista, o mais importante é você ter o princípio que vai te formar mais como repórter, como apurador.

**F.U. – O jornalismo esportivo sempre foi visto com desconfiança entre os outros segmentos jornalísticos. Como você avalia o jornalismo esportivo praticado no Brasil?**

**PVC** – Essa pergunta é um pouco ampla. Eu diria assim: eu acho que existe uma confusão em termos do que hoje é jornalismo e do que é show. E isso é ruim. Tem muito jornalista fazendo show e isso é ruim. A gente tem que cuidar do jornalismo. E nesse ponto de vista, acho que o jornalismo impresso tem prestado contribuições inestimáveis ao esporte brasileiro. A CPI da Nike e a CPI da CBF são exemplos disso. Agora, em alguns momentos, eu acho que tem o pecado da presunção, ou seja, do julgamento precipitado. O risco que o jornalismo corre é de presumir coisas. E não tem que presumir, tem que apurar. Em alguns casos, especialmente televisão, as pessoas presumem muita coisa ao invés de cuidar da apuração e isso é um problema grave que a gente tem. Às vezes sai um pouco de profundidade, mas em geral, o jornalismo brasileiro faz um bom papel.

**F.U. – Você já teve experiência em outras Copas do Mundo. Você vai para a África do Sul? Quais são suas expectativas?**

**PVC** – Fui cobrir pela revista Placar, em 94. Pelo Lancel, em 98, e pela ESPN Brasil em 2006. E vou agora para a África também. A expectativa que a gente tem é que a ESPN vai fazer uma grande Copa do Mundo, vai com uma equipe grande. Maior do que era em 2006, então tem a possibilidade de fazer uma cobertura melhor do que foi há quatro anos. No meu ponto de vista, essa vai ser a primeira vez que eu vou escrever pra “jornalão”. Os diários esportivos têm uma importância muito grande, mas eles sofrem muito na hora

dos grandes eventos, porque no grande evento muita gente vai buscar informação nos grandes jornais que abrem espaço muito grande para cobertura. Eu vou escrever para a Folha de S. Paulo todo dia. E isso é muito legal. Em relação a Copa do Mundo, eu tenho a curiosidade de fazer uma Copa no inverno, porque um dos aspectos da Copa do Mundo tem sido o desgaste físico a que os jogadores são submetidos. O atenuante talvez seja o inverno. Você não vai ter a temperatura alta. Talvez seja um benefício para os jogadores que mais se desgastaram nessa temporada também possam fazer uma boa Copa.

**F.U. – Se você tivesse a possibilidade de fazer a sua escalação, quem você não deixaria de escalar?**

**PVC** – Eu fico um pouco viciado com essa história de como a seleção vai se montando e entendendo que é parte desse trabalho. Eu não acho que tenho jeito de reformatar a seleção inteira. Eu acho assim, a seleção tem hoje o desafio de enxertar talento. E tem que ter a sensibilidade de perceber onde está faltando e onde está sobrando talento. Nesse ponto de vista, eu levaria o Neymar. Agora, acho que cabe ao Dunga entender onde está faltando talento e onde tem jogadores que têm jogado mal e que precisam ser substituídos.

**F.U. – Outro nome que agora está sendo muito comentado é o Paulo Henrique Ganso.**

**PVC** – É. Eu ainda não levaria o Ganso, porque tenho que ter o cuidado de ter o entendimento de que a seleção não vai se remontar inteira. Às vezes, a gente fica pensando em tirar todo mundo e recolocar todo mundo, mas não é assim que se monta a seleção. É possível até que o Ganso vá e o Neymar não. Acho provável inclusive que aconteça isso. Vai da sensibilidade do Dunga de entender quem precisa entrar.

**F.U. – Falando em Santos, em sua opinião qual é o segredo do sucesso dos Meninos da Vila?**

**PVC** – Tem a qualidade do Dorival Júnior de ter percebido que tinha um grupo de muito talento na mão, que podia tentar soltar esse time e deixar ele jogar dentro da sua característica. Esse é um time que já teve sucesso ano passado. Com o Ganso e com o Neymar, o time foi à decisão do Campeonato Paulista contra o Corinthians. Depois ele perdeu um pouco de espaço com a passagem do Vanderlei, que não foi um bom período. E o Júnior teve o entendimento de que tinha que soltar a equipe, pra ter uma equipe muito mais insinuante. E acho que o mérito está aí.